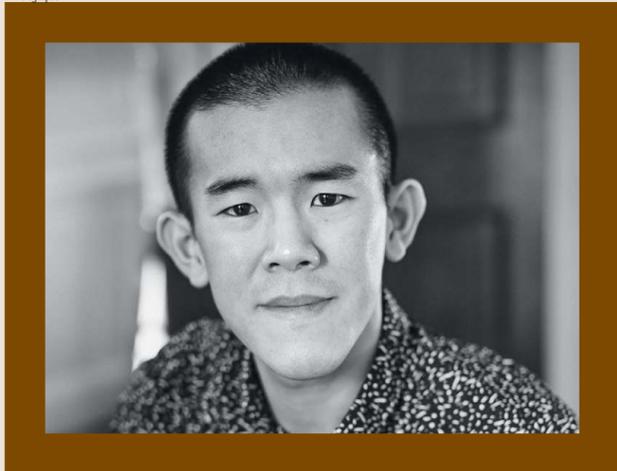


Diversão & Arte

Divulgação

Ed Yong, autor de *Um mundo imenso*: meandros sobre os sentidos no mundo animal

Emília Szkarulyte?

Filósofo Timothy Morton, autor de *O pensamento ecológico*: ser humano não é o mais importante do universo

O QUE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O MUNDO DOS ANIMAIS E A IDEIA DE QUE O SER HUMANO É O CENTRO DA HISTÓRIA DO PLANETA REVELAM SOBRE A NOSSA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE



Aprendemos que a escuridão pode estar cheia de cores, que o gelo pode não necessariamente parecer frio, que os espaços verdes estão repletos de canções ocultas e que um oceano aparentemente plano é, na verdade, uma paisagem ondulante de cheiros

Ed Yong



UM MUNDO IMENSO

De Ed Yong. Tradução: Christian Schwartz. Todavia, 540 páginas. R\$ 129,90



A arte é sempre algo que vem do futuro, porque você nunca a entende totalmente no momento. Quando lê uma história, você não sabe o que vai acontecer a seguir. Quando lê um poema, não sabe seu significado de imediato.

Timothy Morton



O PENSAMENTO ECOLÓGICO

Timothy Morton. Ed. Quina, 256 páginas. R\$ 68

Riscos AO FUTURO DA HUMANIDADE

» NAHIMA MACIEL

Ed Yong brinca que nasceu para escrever sobre os sentidos dos animais. Fascinado pelo mundo dos bichos desde criança — o livro favorito era uma enciclopédia universitária sobre o tema cujos textos pouco compreendia, mas adorava —, ele matutava com frequência sobre o quanto o ser humano é incapaz de perceber quando se trata desse reino oculto. A ideia para escrever *Um mundo imenso*, que percorre os meandros mais complexos dos sentidos no mundo animal, veio da mulher, Liz Neeley. “Ela sempre foi fascinada por animais, estética e pela interseção entre os dois. A ideia foi um presente dela para mim, e o livro, um presente meu para ela”, conta o autor, jornalista especializado em ciência cuja cobertura da pandemia de covid-19 para a revista *The Atlantic* ganhou o Prêmio Pulitzer.

No livro, Yong mergulha em uma espécie de planeta paralelo para analisar como os animais desenvolvem e fazem uso dos sentidos. Boa parte da pesquisa mais parece uma sucessão de descrições de superpoderes de heróis de quadrinhos. Leões-marinhos conseguem decidir se um alimento é conveniente ou não em uma fração de segundos imperceptível para

humanos. Vacas têm uma visão total do horizonte, tão ampla que não sentem necessidade de encarar nada nem ninguém. Vieiras são excepcionais com suas centenas de olhos azuis dotados de lente e retina, capazes de detectar movimentos e luz, o que confere uma habilidade extravagante entre os bivalves, no geral incapazes de enxergar. Com 7 cm do nariz à cauda, o morcego-vampiro é dotado de draculina, uma substância que impede a coagulação do sangue da presa para que possa beber o quanto quiser, confortavelmente. E por aí vai. “Sempre haverá um abismo entre nossa experiência subjetiva do mundo e a de outra criatura e, embora a ciência e a tecnologia possam ajudar a diminuir essa distância, elas nunca poderão eliminá-la completamente”, diz Yong, em entrevista ao *Correio*.

Conhecer um pouco sobre esse mundo pode dar à humanidade uma melhor compreensão do planeta, apesar do abismo que sempre existirá. O ser humano pode, por exemplo, explicar como um morcego usa seu sonar e pode até gravar os chamados do bicho e chegar perto de interpretar suas intenções. “Mas não posso dizer como é ser um morcego — ou um elefante, ou uma aranha, ou até mesmo outro ser humano. A única maneira de realmente atravessar esse abismo é por meio de grandes esforços de imaginação”, diz o autor. Por isso, ele começa *Um mundo imenso* com um cenário hipotético no qual pede aos leitores que imaginem uma academia cheia de diferentes criaturas. “Este é um livro sobre curiosidade, imaginação e empatia — e eu queria que as pessoas estivessem exercitando todas essas habilidades desde a primeira frase”, avisa.

Três perguntas//Ed Yong

Como conhecer um pouco sobre este mundo pode dar à humanidade uma melhor compreensão do planeta?

Começamos a entender o quanto não percebemos, o que é ao mesmo tempo humilhante e libertador. Isso nos faz perceber o desconhecido dentro do que nos é familiar, o mágico no mundano, o extraordinário no ordinário. Somos forçados a reconsiderar coisas que achávamos que entendíamos de novas maneiras. Aprendemos que a escuridão pode estar cheia de cores, que o gelo pode não necessariamente parecer frio, que os espaços verdes estão repletos de canções ocultas e que um oceano aparentemente plano é, na verdade, uma paisagem ondulante de cheiros.

Qual é a maior regra no jornalismo científico? Qual a importância do jornalismo científico em um momento em que há um crescente descrédito na ciência?

Contamos a verdade, ou a melhor aproximação que temos dela. E eu discordo da premissa de que há um crescente descrédito na ciência. Tudo o que é descrito como “anticiência”, desde a negação das mudanças climáticas até a desinformação sobre vacinas, pode ser mais precisamente descrito como “pró-poder” ou “pró-lucro”. E acho que os jornalistas desempenham um papel essencial em esclarecer essas dinâmicas.

Quem você gostaria que o livro alcançasse?

Quero que o livro alcance qualquer pessoa e todos, independentemente de sua experiência com ciência. Você não precisa saber nada sobre o mundo natural para apreciar este livro. Basta ser curioso.

FILÓSOFO DO ANTROPOCENO

Com um currículo que traz colaborações com Björk e com o artista contemporâneo Olafur Eliasson, uma participação no filme *Living in the future's past*, de Jeff Bridges e eleito pela revista *Prospecta* como um dos 50 pensadores mais influentes do século 21, Timothy Morton também ganhou a alcunha “o filósofo do antropoceno”. Conceitos como ecologia sombria, hiperobjeto e filosofia orientada para o objeto, nome também de uma escola de pensadores do século 21 influenciados por Heidegger, Morton ganhou as graças ao pensar a relação entre sociedade, ser humano e meio ambiente de uma perspectiva diferente da crítica ecológica. Para ele, é preciso, com urgência, entender que o ser humano não é a espécie mais importante e relevante do planeta.

Em livros como *O pensamento ecológico* e *Ser ecológico*, lançados no Brasil pela editora Quina, o inglês propõe que a crítica ecológica deixe para trás a ideia de separação entre natureza e civilização e passe a olhar para os dois como um só organismo. Parece óbvio, mas, diante do antropocentrismo exacerbado que desaguou no desastre ambiental vivido neste início de século, não é. Para Morton, um dos grandes erros é pensar que a natureza sustenta a civilização e está confinada em um espaço diferente daquele ocupado pela sociedade.

Morton acredita que a humanidade está presa num ciclo que pode ser mortal e fala em ecologia sombria para definir o perigo desse caminho. “A consciência ecológica sempre assume a forma de um ciclo. E como você percebe que está preso a um ciclo? Pense na tragédia: em uma peça trágica, o personagem tenta escapar de seu destino, mas essa tentativa só piora sua situação. As pessoas tentam superar sua própria estupidez, apenas para acabar reproduzindo-a”, diz Morton, em entrevista ao *Correio*. “A ideia central da ecologia sombria é que toda tentativa de transcender nossas condições materiais acaba sempre as reproduzindo, intensificando-as ou tornando-as piores. Temos que aceitar que estamos em um ciclo com a biosfera da qual emergimos.”

Morton fala em coexistência e faz apelo à lógica para refletir sobre as relações entre os homens e o meio. Lógica, ele lembra, também se refere a como as coisas se conectam e deveria ser aplicada sem pudor às dinâmicas sociais. “A lógica de coexistência implica em como nós, seres humanos, nos relacionamos uns com os outros e com outras formas de vida. O modo como coexistimos deveria ser muito mais lúdico”, diz. O problema do nosso mundo, ele acredita, é que as sociedades baseadas na agricultura e na produção de alimentos seguem uma lógica centralizada. “Não importa se há um rei, se é comunismo ou democracia, a estrutura básica está ligada a esse jeito fixo de existir”, diz Morton. “Ou seja, fizemos isso no ano passado e deu certo para cultivar os alimentos, então vai dar certo de novo no próximo ano. Essa previsibilidade cria uma tradição sem um fundamento metafísico ou espiritual real — apenas porque funcionou antes, deve funcionar de novo.”

Essa mesma ideia se repete nas religiões e em outras dinâmicas que acabam por impedir novas perspectivas mais amplas, que poderiam ajudar a humanidade diante de questões urgentes, como o aquecimento global e a deterioração da vida no planeta. “E esse é o problema central: um mundo sério, rígido, que nem sabe bem por quê”, lamenta. “O problema é a seriedade e o fato de sermos fixados em um papel o tempo todo. Esse sistema fixo traz consigo a dualidade mestre-escravo. Essa é a estrutura binária de controle que está arruinando o mundo. Para mim, esse é o verdadeiro problema.”

Três perguntas//Timothy Morton

Você acha que narrativas culturais, como filmes, literatura e arte, podem estabelecer uma nova relação com a natureza e nos afastar desse antropocentrismo?

Sim, sem dúvida. A arte é sempre algo que vem do futuro, porque você nunca a entende totalmente no momento. Quando lê uma história, você não sabe o que vai acontecer a seguir. Quando lê um poema, não sabe seu significado de imediato. Ou seja, a experiência artística permite que o futuro seja diferente. Existe, em toda arte, um impulso utópico básico. E podemos impulsionar isso ainda mais, de maneira mais deliberada. Acho que isso é muito importante, especialmente agora, porque práticas destrutivas continuam sendo reproduzidas, destruindo a biosfera. Além disso, há um sentimento de fatalismo, de inevitabilidade, uma ideia de que as coisas são como são e pronto. Até mesmo o conceito de sorte tem uma ligação forte com a causalidade mecânica. Vivemos em um universo quântico, onde o futuro pode ser diferente do passado. E a arte é um espaço onde permitimos que isso aconteça de forma muito direta.

Você acredita que seja viável reconfigurar as políticas ambientais de forma a integrar a ideia de que a natureza não está separada da humanidade?

Sim. Às vezes, pessoas como eu fazem isso parecer muito difícil. Mas acho que, na verdade, pode ser bem fácil. E se for fácil demais? Talvez nem precisemos de mudanças gigantescas. Claro, há coisas grandes que precisam ser feitas, como interromper as emissões de carbono e eliminar os combustíveis fósseis. Mas isso significa que temos que mudar completamente quem somos? Precisamos de uma transformação religiosa ou podemos simplesmente pegar o que já temos e levar para essa luta sem fazer tanto alarde? Esse sentimento de que precisamos de uma grande transformação pode estar atrapalhando mais do que ajudando.

O que deve mudar na mentalidade das pessoas para alcançar algo assim?

A mudança tem mais a ver com abrir mão de algo do que adquirir algo novo. Trata-se de abandonar uma ideia que, na verdade, é bastante confusa e difícil, que é a ideia de que o ser humano é o mais importante de todos os seres e, ao mesmo tempo, o protagonista automático de uma história. Essas noções não podem ser realmente provadas, então elas apenas existem em nossas cabeças e acabam nos oprimindo. Mas, na verdade, abrir mão delas é algo bastante simples.